

EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DOS PARÂMETROS CURRICULARES: cultura e corpo

Poliana Apolinário*
Terezinha Richartz**

RESUMO

O acesso à informação se torna mais fácil com o passar dos anos. Porém, ainda é comum, alguns pais bloquearem o acesso dos filhos a fatos que não fazem parte da rotina deles, isso gera preconceito e imposição de apenas um ponto de vista, em uma sociedade diversa. Apesar das diferenças presentes em todos os ambientes de convivência, é preciso respeito e compreensão do outro, tendo harmonia entre as partes. Dessa forma, através do diálogo em sala de aula e estudos, enfatizando o autoconhecimento, a Educação Sexual busca o respeito e a saúde para os estudantes do Ensino Fundamental I. Por isso, o objetivo deste artigo é pesquisar, com fundamentação legal nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os aspectos sobre Educação Sexual no Ensino Fundamental I. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, consultando a legislação e autores pertinentes ao tema. A pesquisa apontou que existe fundamentação legal nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o suficiente, para respaldar a educação sexual na sala de aula, já que a orientação sexual é colocada no documento como um tema transversal. Ao fazer um trabalho pedagógico adequado, a escola poderá contribuir para o enfrentamento ao sexismo, à homofobia, à heteronormatividade e à falta de informação sobre sexualidade, que infelizmente, traz consequências sobre o corpo dos sujeitos, que é decorrente do preconceito e dos estereótipos sedimentados pela cultura.

Palavras-chave: Educação Sexual. Corpo. Cultura. Parâmetros Curriculares.

1 INTRODUÇÃO

A recente inclusão de assuntos sobre a educação sexual na escola se faz necessária, devido a questionamentos da minoria e tentativa de inclusão por parte dos órgãos educacionais. A inclusão

* Aluna do curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas. E-mail: poliana.apolinario@alunos.unis.edu.br

** Professor Dr(a) Terezinha Richartz do Centro Universitário do Sul de Minas. E-mail: terezinha.richartz@professor.unis.edu.br

e o respeito para todo tipo de família é fato nas escolas de hoje, não tendo mais espaço para ocultação de conceitos e valorização dos mais variados tipos de família. Menosprezar famílias diversas é reproduzir preconceitos e voltar no tempo. Dessa forma, as aulas de Educação Sexual se tornam necessárias para quebra de estereótipos, além de entender outros pontos de vista e diferenças presentes em sala de aula.

O respeito em sala de aula é primordial para desenvolvimento das aulas. Com várias informações a todo instante, os estudantes também possuem curiosidades encontradas em buscas em redes sociais, livros e até conversas com pessoas da mesma idade.

É sempre importante investigar o conhecimento prévio que os alunos têm sobre o assunto a ser tratado. Em geral, mesmo quando não têm informações objetivas, eles imaginam algo a respeito, pois são questões muito significativas, que mobilizam neles grande curiosidade e ansiedade. A explicação dessas informações e fantasias relacionadas com as mudanças do corpo e com a reprodução possibilita tratar o assunto de modo claro, diminuir a ansiedade, e assimilar noções corretas do ponto de vista científico. (BRASIL, 2007, p. 321)

Durante as aulas, o material didático, como base, é importante para organização e mediação das aulas, porém, o professor, como mediador, precisa estar aberto ao diálogo, às conversas e pontos de vista falados pelos estudantes. Eles podem trazer assuntos que eles consideram importantes e questionar o professor sobre. As disciplinas auxiliam no aprendizado, de forma transversal, abordando assuntos atrelados a histórias, textos, estatísticas e livros que são levados pelo professor em sala de aula.

A escola é um ambiente aberto a todas as famílias e formas de vida. Dessa forma, a escola se torna um espaço socializador, que respeita os estudantes e suas famílias, e que trabalham o fato na sala de aula, abordando diferenças como crescimento. A partir dos conhecimentos adquiridos, terão reflexos na vida fora da sala de aula, criando um cidadão que consegue viver em harmonia.

Apesar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não fazer menção à Educação Sexual na Competência 9, temos como pensar um currículo escolar voltado para a Educação Sexual.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p.10)

O recorte foi em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais, porque nele a Educação Sexual aparece de forma mais explícita. Desse modo, pergunta-se: como pode ser a abordagem da Educação Sexual nas escolas, durante os anos iniciais do Ensino Fundamental?

Por isso o objetivo geral deste artigo bibliográfico é: pesquisar a fundamentação legal nos Parâmetros Curriculares Nacionais, sobre Educação Sexual no Ensino Fundamental I. Já os objetivos específicos são: analisar os melhores métodos para o ensino de Educação Sexual no Ensino Fundamental I; levantar assuntos relevantes para serem abordados durante o processo da Educação Sexual na escola, no Ensino Fundamental I; ressaltar a importância do conhecimento do próprio corpo, durante o Ensino Fundamental I.

2 EDUCAÇÃO SEXUAL NO PROCESSO DE ENSINO COM RESPALDO FAMILIAR

Desde a Educação Infantil, os alunos possuem contato com diferentes pessoas e também diferentes formas de enxergar o mundo. Esse contato acontecerá até no final do Ensino Superior, com conflitos e trocas de ideias, que agregam na maturidade do aluno e também auxilia no convívio social. A escola tem como principal papel o ensino e também a interação entre alunos, professores e demais pessoas que trabalham na escola. Então, o ambiente escolar passa a ser um ambiente socializador de aprendizado contínuo e também de ensino fora da sala de aula, pois em todos os lugares, dentro mesmo da escola, com diversas formas de enxergar o mundo, além de ser uma forma diferente de aprender e saber lidar com as outras pessoas.

Em meados do século XIX, a escola separava os gêneros, ou seja, havia uma escola para meninos e outra para meninas (BRASIL, [2001?]). Então, a interação entre alunos, desde a Educação Infantil, era de pessoas de mesmo gênero, com objetivos estruturados: meninas eram ensinadas a se comportarem, a se vestirem, a cuidarem de casa e serem mães. Na época, o principal objetivo de vida estabelecido para mulheres era ser mãe e cuidar da sua família, que seria construída. Não era uma escolha, era fato. Já na educação para meninos, eles eram ensinados para trabalhar, gerar renda e ter uma esposa que cuidasse dele e dos filhos. Portanto, antes mesmo do século XIX, o homem é valorizado para proteção da mulher e dos filhos, sendo ele a base de toda sociedade. Assim, mulheres foram ensinadas a servir o homem e as escolhas fora desse padrão foram marginalizadas, sendo um exemplo para outras mulheres não seguirem. Servir ao homem era sinal de felicidade eterna. Além desse ponto, a educação era voltada para pessoas que tinham alto poder aquisitivo.

Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício da cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm

ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero. (BRASIL, [2001?], p.322)

Há diferenças entre os gêneros, e a partir desse ponto, faz-se necessário o trabalho em sala de aula pautado no respeito, pois “é inegável que há muitas diferenças nos comportamentos de meninos e meninas. Reconhecê-las e trabalhar para não deixá-las em desvantagens é papel de todo educador.” (BRASIL, [2001?]). Assim, a escola desvenda preconceitos sobre os gêneros, a fim de acabar com os estereótipos atrelados aos gêneros. É preciso trabalhar com equidade nas abordagens das disciplinas e nas demais atividades escolares.

No século XXI, a escola tem fácil acesso a informações, novas tendências pedagógicas e também estudos pedagógicos para incluir pessoas que foram excluídas através dos anos, faz parte da vida social dos alunos, tornando-se espaço aberto para discussão, conversas e exposição de pensamentos instigados pelos alunos e professores. Um exemplo são as metodologias ativas, que auxiliam no ensino entre os próprios alunos, tendo como base a interação e troca de ideias, além de uma estrutura diferente na sala de aula. Porém, nem todas as escolas aplicam esse método para interação entre os envolvidos.

Apesar de todos os estudos voltados para a escola, para que ela tenha uma nova visão e estar de acordo com os assuntos do cotidiano, ela ainda é construída a partir de fatos históricos, que são frutos de relações de poder, agravando ainda mais a desigualdade social. Trazer as culturas dos alunos, o que eles gostam e como são as estruturas familiares que vivem podem construir relações entre os próprios alunos e também ao conteúdo a ser trabalhado, enfatizando as diferenças e também diferenças de papéis sociais que eles já conhecem.

Trabalhar com o que distingue dos padrões pré-estabelecidos, implica na exploração de novas Pedagogias e formas de pensar, devendo-se atentar para a forma pela qual se constrói as relações de gênero e sexualidade nas escolas. O que, automaticamente, já se trata com naturalidade, precisa ser olhado mais de perto e atentamente desenvolvendo harmonia e cordialidade às situações distintas. (TAVARES; RICHATZ, 2020, p.124)

Assim, a escola se torna um lugar com espaço para o diálogo e para a compreensão de outros pontos de vista que surgem nas discussões das aulas. As escolas precisam estar abertas às famílias que precisam de apoio e solidariedade. Não é apenas o aluno que precisa de acolhimento da escola, mas também as pessoas que fazem parte da família dele. O acolhimento torna o aprendizado leve e de forma simples para que o aluno entenda. Exemplificar com fatos do cotidiano é benéfico para todos os envolvidos no processo de ensino. Historicamente, a supremacia dos ricos fez com que a escola por muitos anos fosse elitizada, onde apenas as pessoas com maior poder

aquisitivo tinham acesso ao conhecimento. Ainda há preconceitos sobre acesso ao ensino, com uma desigualdade social brusca no território brasileiro, sem apoio do próprio governo.

Diz-se ser a escola, reprodutora do modelo nuclear burguês por repetir somente a composição heteronormativa de família. A saber, quando das comemorações de dia dos pais ou das mães, as crianças que têm uma configuração familiar diferenciada acabam se sentindo confrontadas ou excluídas, bem como, seus próprios familiares. (TAVARES; RICHATZ, 2020, p.124)

A escola não está adequada ao que está acontecendo no século XXI. Apesar de algumas escolas trabalharem sobre gênero e sexualidade, de forma transversal, alguns pais ainda sentem um impasse em relação ao que será abordado. A família tradicional brasileira se sente ameaçada, de forma irrisória, principalmente aquela que não concorda que pessoas de outras classes frequentem as mesmas escolas que os filhos. Por isso, a escola ainda transmite conhecimentos sistematizados, excluindo sujeitos do processo de ensino ou até mesmo, diminuindo-os.

A escola de hoje não pode, apenas, querer ‘transmitir conhecimentos sistematizados, historicamente, pela humanidade’ – até porque, como esses conhecimentos foram construídos em relações desiguais de poder, eles, certamente, não incluem todos os sujeitos humanos nem são conhecimentos representativos de todas as identidades culturais. A escola precisa incluir na sua agenda pedagógica a multiplicidade cultural, os saberes populares advindos de movimentos sociais e os saberes advindos das experiências subjetivas dos sujeitos. A educação sexual deve considerar a diferença como produtiva para a vida social. (FURLANI, 2017, p. 45)

Apesar de ser possível o acesso a informações de forma rápida e simples, a busca para o conhecimento pleno, com debates e trocas de ideias pode ser bem-vinda na sala de aula. Não havia informações a todo instante, no século passado, portanto é preciso que o professor também aceite e responda, durante as aulas, a questionamentos que os alunos trazem, vindos de outros ambientes.

A Educação Sexual aborda temas sobre o próprio corpo, o relacionamento com o intrapessoal e os relacionamentos com as demais pessoas do cotidiano. Assim, a Educação Sexual se faz necessária pelo respeito e acolhimento dos educandos e também da família do educando. Além disso, a educação sexual também irá incentivar a curiosidade e questionamentos que os alunos adquirem fora ou dentro da escola. Falar sobre o tema na sala de aula abordará questões que vão além dos estudos de anatomia, pois ela irá trabalhar a autoestima, respeito, acolhimento e reflexão do que foi ensinado. Nas aulas serão discutidos assuntos de forma geral, sem invadir o espaço do aluno, evitando constrangimentos.

O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. [...] Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. Tal postura deve inclusive

auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser mantido como uma vivência pessoal. Apenas os alunos pelo professor ou orientador na escola e, dentro desse âmbito, poderá ser discutido um possível encaminhamento para atendimento especializado. (BRASIL, [2001?], p.322)

Quando o estudante inicia a sua jornada escolar, ele se depara com diversas informações, pessoas e assuntos opostos em que estava acostumado em casa ou nos ambientes que frequenta, como a igreja, lugares públicos ou lugares para prática de esportes. Então, o primeiro impacto do estudante na escola é a descoberta de um novo mundo. À medida que o ano letivo acontece, o aluno descobre outras informações e começa a refletir sobre como as pessoas pensam diferente ou possuem pontos de vista parecidos com a do próprio estudante.

Por mais que haja pesquisas sobre descobertas e a diversificação dos conteúdos e pessoas, ainda há estereótipos que os alunos já conhecem de forma indireta. A escola precisa estar atenta em colocar as disciplinas pautadas nesses estereótipos, pois ainda há reforço de uma superioridade entre os gêneros.

Hoje, ainda é necessário ter a representação de pessoas fora do padrão estabelecido de forma patriarcal. Segundo Saffioti (2004), o adulto masculino, branco e heterossexual é o padrão perfeito de toda sociedade brasileira, apesar de ela ser construída através de histórias de outros países, que são opostas a cada adjetivo atribuído a esse indivíduo considerado superior. Alguns conceitos escolares, métodos, didática, ensino, etc. são atribuídos para a valorização do homem, colocando-o como superior aos demais seres humanos. Dessa forma, os demais padrões são feitos para atender às necessidades do homem, e os pontos que fogem desse determinado padrão, não são acolhidos pela sociedade e é motivo de repúdio em redes sociais.

A voz que ali se fizera ouvir, até então, havia sido a do homem heterossexual. Ao longo da história, essa voz falara de um modo quase incontestável. Construíra representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais. Passamos, assim, a tomar como verdade que as mulheres se constituíam no 'segundo sexo' ou que gays, bissexuais eram sujeitos de sexualidade 'desviantes'. (LOURO, 2007, p.21)

Porém, o padrão está presente nas casas brasileiras, o que pode dificultar o entendimento em relação à diversidade na sala de aula e também na escola. A educação brasileira está atrasada em relação à discussão da diversidade. Apenas na década de 80, o Brasil começou a pensar e discutir sobre o assunto, enquanto nos EUA já estavam abordando o tema e com diversas manifestações, antes da década de 70 (BRASIL, 2007). Mesmo com pensamento na diversidade, o tema foi deixado de lado, não tendo a devida importância. O tema tem potencial para ser discutido em sala de aula, porém não passa de conceitos e teoria para os alunos. Apesar do tema ser adequado

e encontrado em diversas áreas de conhecimento, ele fica restrito a apenas algumas matérias, com conteúdo sem dinamismo e monótono, na maioria das vezes.

As preocupações em torno das sexualidades, das homossexualidades e das identidades e expressões de gênero também não são novas no espaço escolar. No entanto, no Brasil, só a partir da segunda metade dos anos de 1980, elas começaram a ser discutidas mais abertamente no interior de diversos espaços sociais – entre eles, a escola e a universidade (sobretudo nos programas de pós-graduação, a partir dos quais se constituíram núcleos de estudos e pesquisas sobre Gênero e a área de Estudos Gays e Lésbicos). Até então, nas escolas, quando os temas relativos à sexualidade apareciam no currículo, ficavam circunscritos às áreas de Ciências ou, eventualmente, a Educação Moral e Cívica. (BRASIL, 2007, p. 12)

A dificuldade ou repúdio sobre a Educação Sexual no Brasil é fruto das relações de poder e também sobre a ênfase da heterossexualidade em todos os ambientes frequentados pelo aluno. Além disso, no século XXI as informações estão disponíveis de forma fácil e rápida, onde não há mais justificativa ou explicação para esconder temas como a sexualidade. As informações são inevitáveis, pois elas aparecem em todos os lugares, como livros, internet e até mesmo nas propagandas. Então, estudantes também precisam estar atualizados sobre os assuntos que estão acontecendo, para transformar as informações em conhecimento, não apenas repeti-las, sem entender do que se trata.

Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shoppings centers ou a música popular? Como esquecer as pesquisas de opinião e as de consumo? (LOURO, 2007, p. 18)

Alguns pais, porém, tentam privar os filhos de tantas informações. Essa visão conservadora ainda está presente nos lares brasileiros, onde é evitado assuntos sobre o sexo ou comportamento do gênero, na expectativa de que os alunos não saibam ou não façam. Com influência de religiões, políticos e pessoas da mídia, são criados conceitos que não fazem sentido. Por exemplo, ainda há pessoas que utilizam o termo “homossexualismo³”, tratando a orientação sexual da pessoa como uma doença a ser tratada. Abordar a educação sexual na sala de aula é preciso que o educador compreenda para que ela seja ensinada de forma simples e de fácil de aprendizado. Assim, é preciso refletir sobre o assunto e indagar comparações e diferenças para que se tenha felicidade e naturalidade no assunto, não repressão ou repúdio.

Acredita-se que a dificuldade em trabalhar a educação sexual está relacionada com a própria constituição histórica da sexualidade. As práticas higienistas e a repressão da liberdade de expressão sexual, alinhadas a algumas crenças religiosas, caracterizaram o início da educação sexual no Brasil, valorizando as relações heterossexuais, o patriarcado

³ A Organização Mundial da Saúde, em 1990, deixou de considerar doença a atração pelo mesmo sexo. Então, o sufixo ismo (homossexualismo) a partir desta data deixa de ser usados. O termo correto agora é homossexualidade.

e a visão da sexualidade como um tabu (FIGUEIRÓ, 2010; LOURO, 2008). Essa cultura influencia até hoje a dificuldade de diálogo sobre sexualidade na escola, permitindo que apenas as informações sobre práticas preventivas sejam realizadas, especialmente nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio. (FIGUERÓ, 2010; LOURO, 2008 apud FURLANETTO et al, 2018, p. 563)

O trabalho da Educação Sexual é contribuir para que alunos tenham consciência de fatos que acontecem no cotidiano, explicando sobre o próprio corpo e qual a relação do outro sobre ele. Isso reflete na autoestima do estudante, além de promover as informações verdadeiras, desmentindo informações que são facilmente encontradas em redes sociais. Os estudantes passam a refletir sobre o que aprenderam fora de sala de aula para ser discutido na sala de aula, com ajuda dos colegas. A intenção não é apenas a fala, mas em saber ouvir e entender o colega, a partir dos pontos de vista dele e também das experiências ou informações que gostaria de compartilhar com a turma.

[...] cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. (BRASIL [2001?], p.299)

Cada estudante precisa ser ouvido, independente do gênero. Abrir a discussão para que retrate a diferença entre homens e mulheres, além dos conceitos de família que eles já conhecem, mas permitir que as demais pessoas também compartilhem sobre as próprias famílias. Quebrar o estereótipo perfeito também é missão da escola. Os recursos que serão utilizados para a didática do ensino precisam estar presentes na sala de aula. Hoje, com as informações relevantes que encontramos em tecnologias simples podem estar presentes na escola. A tecnologia não é um caso à parte da escola, ou seja, não é necessário fechar as portas para esse fato, mas sim acolhê-lo em prol do aprendizado dos estudantes.

Cada família, em seu ponto de vista, transmite seus valores de uma forma diferente, criando um universo dinâmico e variado para ser trabalhado na escola. Esse fato faz com que a escola não ensine todo o conteúdo, apenas complemente. Por isso, o papel da família durante o processo de educação sexual também é importante, porque ela também ajuda a construir a identidade da criança. Dessa forma, a família também precisa ter estrutura e caminhar junto com a escola, para que ambas cheguem a uma determinada conclusão. Além disso, os valores familiares também refletem na recepção do educando, como ele irá reagir ao conteúdo e falar sobre. Os primeiros assuntos sobre

o tema, serão transmitidos desde cedo, com os valores associados à própria família do aluno e como deve ser o comportamento dele em relação ao que eles esperam, gerando expectativas.

A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, por meio das relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e os adolescentes assumam. (BRASIL, [2001?], p. 299)

O papel da escola, nesse ponto, é escutar e respeitar como as famílias abordam sobre o assunto e também saber ouvir o que os alunos pensam sobre o tema. As aulas transversais sobre o tema precisam de interações com os alunos, além de responder curiosidades. A decisão sobre o próprio corpo precisa estar clara durante o ensino, além de refletir sobre o que é falado em casa ou nos lugares que ela frequenta. Assim, os estudantes podem entender como são construídos alguns conceitos, como chegam a determinadas conclusões e ensinamentos, como funciona as variadas concepções de família e como elas são produzidas. Estabelecer diferenças e semelhanças e como acontecem a construção de família, em diferentes pontos de vista também fazem parte do entendimento nas aulas que abrangem o tema. Há variedades de pontos de vista, pois as famílias são dinâmicas e peculiares. A visão tradicional ainda é persistente, porque na maioria das vezes, omite-se o assunto sobre educação sexual. Apesar de todos os pontos serem abordados, a decisão final ainda é do próprio estudante.

A Orientação Sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. Estes dizem respeito à possibilidade de que homens e mulheres tomem decisões sobre sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos, tendo acesso às informações e aos recursos necessários para implementar suas decisões. Esse exercício depende da vigência de políticas públicas que atendam a estes direitos. (BRASIL, [2001?], p. 293)

Desde a infância, são construídos papéis sociais para a criança, em todos os ambientes em que frequenta, principalmente no âmbito familiar. Esses papéis são construídos para serem seguidos, construídos antes mesmo do nascimento da criança. A partir desses comportamentos, eles também constroem diferenças no próprio corpo e reconhecem diferenças entre meninos e meninas, no comportamento e também fisicamente. A partir dessas comparações, há a construção de relações entre os gêneros e como eles podem conviver socialmente apesar das diferenças. Essas diferenças são também descobertas a partir do convívio e da troca de informações que são feitas tanto na escola quanto no ambiente externo.

Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher. A construção

do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade, e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos, e transmitidas através da educação, o que atualmente recebe a denominação de “relações de gênero”. Essas representações internalizadas são referências fundamentais para a constituição da identidade da criança. (BRASIL, [2001?], p. 296)

Saber o real significado das palavras ajuda a ter o conhecimento e saber interpretar as ações do cotidiano. Assim, alunos e professores podem debater os reais significados das palavras que podem ser vistas ou explicadas de forma errada, por familiares ou pessoas que estão inseridas no contexto do aluno. A omissão de informações não agrega no conteúdo, apenas impede de que a criança tenha um conhecimento base para começar os estudos sobre o tema. Apesar de não ser um tema explícito o tempo todo, pois é trabalhado de forma transversal, é preciso que o professor comece com interpretações e didáticas em que aborde o tema e incentive a abertura a novos conceitos.

É preciso o trabalho com espontaneidade sobre o tema, para que os educandos entendam sobre seu próprio corpo e os respeitem. O professor precisa educá-los não apenas baseados em livros didáticos, de forma científica: é preciso saber se colocar no lugar do aluno e orientá-lo, com cuidado e atenção. O contexto em que os estudantes se encontram pode ser o início dos trabalhos e estudos sobre a Educação Sexual. Por isso, o diálogo precisa estar presente na sala de aula, entre os colegas e entre os professores. Apesar das diferenças na sala de aula e também entre os funcionários da escola, a troca de ideias e o auxílio podem contribuir para o melhor aprendizado e promover a igualdade social. É preciso pensar nos estudantes de forma respeitosa, dedicando-se a um trabalho que envolve afeto e comprometimento.

[...] faz-se importante que você reconheça que o trabalho com a Educação Sexual infantil está diretamente associado ao amor, ao respeito, e ao direito a apropriação do conhecimento. Entendemos que por meio da igualdade de direitos, possibilitamos a igualdade social. Nesse sentido, educa-se sexualmente para que possamos auxiliar os sujeitos na busca pelo seu bem-estar, no entendimento e aceitação do próprio corpo, pelo conhecimento, cuidado e prevenção. (MIZUNUMA, 2017, p. 9)

As discussões durante a educação sexual, no âmbito escolar, fazem com que os alunos conheçam mais sobre o próprio corpo, orientação sexual, e outras formas de relacionamento. Esconder esses temas não ajuda no desenvolvimento do aluno, mas sim retarda um processo que não vai deixar de existir, apenas será ocultado e que mais tarde o aluno terá contato, de qualquer forma. Quando o trabalho é iniciado desde cedo, os conceitos se tornam mais simples de serem entendidos, além de trabalhar o respeito e a autoestima do aluno, pois dessa forma, além de respeitar

o corpo alheio, ele irá respeitar o próprio corpo e entendê-lo. Trabalhando essas diferenças faz com que elas se tornem apenas parte do aluno, não o motivo de vergonha ou receio para o estudante. Os corpos são diferentes, o padrão estabelecido não é natural, e os estudantes possuem diferenças que os tornam únicos, não superiores ou inferiores, apenas demonstram a própria essência.

A diferença não preexiste nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência [...] A posição 'normal' é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente, invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferem. (LOURO, 2007, p. 22).

O respeito é o tema que mais será trabalhado durante o ensino, de forma que a convivência seja harmônica e empática. Muitos pais e responsáveis sentem receio de o aluno aprender sobre sexualidade e “mudar de sexualidade”, como se isso fosse realmente possível. Por isso tanto medo e receio, pois além de ser considerado um “pecado”. Apesar de ser impossível, há famílias que acreditam que a orientação sexual é uma escolha e que destruirá a família tradicional, sendo que o conceito de família vem se alterando com o passar dos anos. Com isso, a educação tem uma missão importante: ir além do que é ensinado, com respaldo científico. Dessa forma, não terá espaço para informações equivocadas, sem embasamento.

A escola tem a função de ensinar sobre vários assuntos e demandas, para tornar os estudantes cidadãos ativos, que goze dos seus direitos e deveres, visando uma sociedade justa. Para que isso aconteça, é necessária a discussão sobre todos os pontos de vista encontrados na escola e também na família do educando. A didática sobre o tema e os assuntos gerados precisam estar de acordo com as propostas e planejamento, porém, ela também precisa estar aberta para diálogo, pois é um tema de discussão entre professores e alunos, com mediação do professor, sem impor regras ou conceitos, mas deixar o tema livre e saudável para os alunos.

A educação sexual e as discussões sobre gênero e identidade não podem ser confundidas com qualquer tipo de doutrinação moral ou ideológica, mas devem estar associadas ao desenvolvimento da cidadania. Reprimir as diferentes formas de expressão da sexualidade humana em uma sociedade não faz com que a sexualidade deixe de existir; somente a oculta. De outra forma, aceitar a diversidade sexual e de gênero não faz com que ela se propague, mas promove uma convivência respeitosa (BAI-LEY et al., 2016). Nessa perspectiva, a escola se apresenta como um campo fértil de situações que refletem as relações sociais que ocorrem externamente a ela, o que justifica os avanços das estratégias de educação sexual nesses locais.(BAILEY et al., 2016 apud FURLANETTO et al, 2018 p. 566)

3 APLICAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Abordar em sala de aula é preciso tomar cuidado, pois os alunos também precisam de espaço para poder pensar, questionar e conversar com os colegas e professores sobre os temas que serão abordados sobre a Educação Sexual. Os temas não serão diretamente ligados ou explícitos, eles estarão implícitos nos textos e assuntos, dando espaço para diálogo. Porém, para iniciar esses assuntos em sala de aula, o professor pode dar abertura aos alunos, pois há muitos questionamentos e curiosidades em crianças do Ensino fundamental I. Esses questionamentos podem ser o começo dos assuntos que podem ser trabalhados em sala de aula.

[...] sem a sexualidade não haveria curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender. Tudo isso pode levar a apostar que teorias e políticas voltadas, inicialmente, para a multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos possam contribuir para transformar a educação num processo mais prazeroso, mais efetivo e mais intenso. (LOURO, 2004 apud BRASIL, 2007, p. 16)

Sendo assim, as disciplinas precisam estar atribuídas à quebra de padrão, pensando na autoestima, autoconhecimento e respeito. Por isso, a importância de abordar as temáticas, o que pode ajudar o aluno a atender melhor o mundo e como ele se transforma. Os humanos conseguem conviver apenas com regras, com respeito e com harmonia para que uma sociedade seja construída. A equidade precisa estar presente na sala de aula. Homens e mulheres podem e devem fazer as mesmas atividades na sala de aula, demonstrar afeto e respeitar. Separar atividades por gênero, filas, carteiras podem reforçar esse estereótipo.

Ao se falar em gênero, não se fala apenas de macho ou fêmea, mas de masculino e feminino, em diversas e dinâmicas masculinidades e feminilidades. Gênero, portanto, remete a construções sociais, histórias, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas que envolvem processos de configurações de identidades, definições de papéis e funções sociais, construções e desconstruções de representações e imagens, diferentes distribuições de recursos e de poder e estabelecimento e alteração de hierarquias entre os que são socialmente definidos como homens e mulheres e o que é – é considerado de homem ou mulher, nas diferentes sociedades e ao longo do tempo. (BRASIL, 2007, p. 16)

Os primeiros passos para a abordagem da Educação Sexual é refletir sobre os papéis sociais, como eles funcionam e pensar sobre o que pode ou deveria ser mudado. Os estudantes podem perceber e refletir sobre como construir uma nova forma de ver o mundo. Apesar de que, no século passado as funções das mulheres eram restritas em ser mãe e cuidar da casa, ainda há pais e mães que pensam da mesma forma. Mesmo com tecnologia e várias formas de adquirir novos conhecimentos e informações, alguns pais colocam esses conceitos nos filhos, sem permissão para questionamento. A atitude da escola é fazer o aluno refletir sobre o tema, pensar sobre o que

aprendeu e como os colegas também pensam. As aulas são para reflexão e mudança de vida para os alunos.

A visão de homem e mulher segue um modelo. Principalmente as mulheres, elas não podem manifestar do que gosta, o que sente e são reprimidas pelo seu comportamento. Desde cedo elas precisam se comportar, pensando que elas são “mocinhas” e precisam se comportar. Quando elas crescem e chega a menarca, esse ponto fica ainda mais crucial. Então, entra a relação com o corpo, com os sentimentos e os primeiros olhares dos meninos. Elas precisam se comportar para que eles não olhem, porque se eles olharem, a culpa é delas.

É fundamental que os professores, ao trabalharem as transformações corporais, as relacionem aos significados culturais que lhes são atribuídos. Isso porque não existe processo exclusivamente biológico, a vivência e as próprias transformações do corpo sempre são acompanhadas de significados sociais, como o que acontece com a menarca, a primeira menstruação. Existe uma infinidade de crenças a ela associadas e, portanto, sua ocorrência marca de forma indelével a vida das mulheres, com o significado que lhe atribui cada grupo familiar e social. (BRASIL, 2007, p. 319)

Os meninos podem fazer o que quiserem, desde que não apareça que eles sejam homossexuais. Fora isso, eles podem ser brutos, brincar de carro, brincar de profissão e pensar que uma esposa irá cuidar dele, ou seja, não precisa se preocupar, apenas ter uma boa vida. Os olhares para as demais meninas é uma demonstração de masculinidade, mostrando para os demais o quão heterossexual uma pessoa pode ser. Os olhares dizem mais sobre os meninos, pois demonstram como eles podem se comportar, como eles podem desejar e ter atitudes até a idade adulta, tendo como justificativa que ele é apenas um menino.

Estudos também demonstram que a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003) se faz acompanhar pela rejeição da homossexualidade e por enunciações e comportamentos expressa e inequivocamente homofóbicos (LOURO, 1999). Assim, a homofobia no ambiente escolar produz efeitos sobre todo o alunado. Em outras palavras na escola (e também fora dela), os processos de constituição de sujeitos e de produção de identidades heterossexuais produzem e alimentam a homofobia e o sexismo, especialmente entre os jovens estudantes masculinos. Para estes, o outro passa a ser, principalmente, as mulheres e os gays e, para merecerem suas identidades masculinas principalmente, as mulheres e os gays e, para merecerem suas identidades masculinas e heterossexuais, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade (LOURO, 2004a apud BRASIL, 2007, p. 26).

Assim, desde a escola, os estudantes precisam estar de acordo com o padrão que foi estabelecido. Ainda é uma incógnita sobre quem estabeleceu esse padrão, porém, ele ainda existe. Portanto, a escola também tem papel de visar o melhor cenário para cada gênero, através das atividades e atitudes que eles começam a demonstrar em sala de aula, então:

Os principais constitucionais de liberdade e solidariedade podem ser entendidos para a igualdade de gênero. A necessidade de superação das discriminações relativas às construções histórico-culturais das diferenças de sexo, presentes nas relações escolares,

assim como nas questões que permeiam algumas decisões a serem tomadas no âmbito da legislação educacional permanece velada e não detalhamento das definições e derivações destes princípios sob a ótica das relações de gênero pode também gerar mais discriminação. (BRASIL, 2007, p. 22).

Assim, a escola precisa estar aberta ao diálogo, à inclusão de todos os gêneros, religiões, famílias e raças, para que o ambiente se organize de forma harmônica, tendo como base a inclusão. Portanto, o assunto não deve favorecer apenas uma parte dos estudantes, mas o todo, para que todos consigam entender e também refletir sobre as próprias atitudes e conceitos. A inclusão não acontece apenas em uma disciplina isolada, ou em um momento isolado na sala de aula, mas em diversas disciplinas e também em assuntos que surgirem durante as aulas.

Todos podem ser ouvidos e respeitados em sala de aula. Além disso, a diferença está no convívio. Por isso se faz importante a interação entre os professores e ter uma formação voltada para Educação Sexual. Professores precisam se capacitar para que a aplicação em sala de aula seja de forma benéfica, pensada com cuidado, para que tenha resultado e harmonia para a turma. Pais e responsáveis precisam estar cientes e dar suporte para a turma, pensando sobre o que aprendeu, o que é falado em sala de aula e acompanhamento de pais e responsáveis. As aulas precisam de planejamento e respaldo familiar e escolar. Portanto, para a Educação Básica:

[...] fomentar a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros, assegurando a formação continuada dos(as) trabalhadores(as) da educação para lidar criticamente com esses temas (BRASIL/CNHD/MEC, 2006: apud BRASIL, 2007, p. 25)

3. 1. Educação Sexual nas Disciplinas

No Ensino Fundamental I, as informações que irão para a sala de aula estarão atreladas a outros assuntos de diferentes disciplinas. Um dos assuntos que abrange a temática é o relacionamento do estudante com o próprio corpo. Os assuntos sobre o corpo são gerados através da própria curiosidade do aluno e também nas aulas de anatomia, por exemplo. Então, as questões podem surgir durante o ensino e o professor precisa mediar sobre o assunto. Após a conversa com os alunos e no decorrer das aulas, o assunto será aprofundado. Nas aulas de Ciências, além de falar sobre a anatomia, sobre a estrutura do corpo e todas as funções dele, é oportuno falar sobre como os corpos são diferentes, como cada aluno possui uma característica física diferente e como respeitar tanto o próprio corpo, quanto o corpo do colega e de outras pessoas com quem convivem.

Alguns assuntos abordados na escola não são tratados no ambiente familiar do aluno, então a escola torna ambiente para abertura do assunto e pode ter reflexos na casa do estudante.

[...] vê-se que a abordagem deve ir além das informações sobre anatomia e funcionamento, pois os órgãos não existiriam fora de um corpo que pulsa e sente. O corpo é concebido como um todo integrado de sistemas interligados e que inclui emoções, sentimentos, sensações de prazer e desprazer, assim como as transformações nele ocorridas ao longo do tempo. Há que considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, esse todo que inclui as dimensões biológica, psicológica e social. (BRASIL, [2001?], p. 317).

Falar sobre o corpo também é trabalhar a autoestima, a relação do outro com o corpo, como ele evolui através dos anos e principalmente como cuidar dele. Os sentimentos e emoções também serão abordados durante as aulas, mostrando como esse fato influencia no corpo e também na forma como as pessoas se relacionam.

Outro ponto importante é falar sobre a autoestima e autoaceitação do próprio corpo. Com pessoas demonstrando um padrão de beleza fora da naturalidade, faz com que algumas pessoas se sintam inferiores às outras, por não seguirem o padrão que foi estabelecido. Assim, pode acontecer bullying, preconceitos que podem acontecer por falta de conhecimento e falta de respeito pelo outro. O estudante precisa começar a refletir sobre o próprio corpo e entender que precisa ser cuidado, ser respeitado e amado.

[...] podem ser trabalhadas questões fundamentais ligadas à sexualidade, como gostar e cuidar do próprio corpo, ao seu corpo, respeitá-lo tanto no aspecto físico como psicológico. O respeito a si próprio, ao seu corpo e aos seus sentimentos são a base para a possibilidade de um relacionamento enriquecedor com o outro. O questionamento da imposição de certos padrões de beleza veiculados pela mídia, principalmente a propaganda, faz-se pertinente na medida em que interfere na autoimagem e na autoestima das crianças e dos jovens. Trata-se de auxiliar os alunos a construir uma postura crítica ante os padrões de beleza idealizados como pessoas jovens, esbeltas ou musculosas, que não correspondem à realidade e estão a serviço do consumismo. (BRASIL, [2001?], p. 318).

O trabalho sobre o corpo, os assuntos e os questionamentos irão evoluir durante as aulas e os estudantes podem participar e colaborar para a construção da aula. O professor é mediador, portanto ele precisa organizar e pensar sobre o conforto dos estudantes em relação ao assunto a ser abordado, sem se expor ou sem se comprometer, ao falar sobre algo tão pessoal. Então, o estudante aprende de forma contínua para que os assuntos se complementem e que acompanhem a fase dos estudantes. Além disso, quando o assunto sobre o corpo é abordado, é preciso também falar sobre cuidado e valorizá-lo da forma que ele é. De forma visível, as pessoas aparentam ter corpos diferentes, porém internamente é possível perceber que há mais igualdade que diferenças. Porém,

o corpo externo também é importante. Assim, o assunto sobre o corpo é atrelado ao cuidado, higiene e saúde, tendo assim, a valorização da autoestima do estudante.

Em Ciências Naturais, ao ser abordado sobre o corpo (da criança e do adulto, do homem e da mulher) e sua anatomia interna e externa, é importante incluir o fato de que os sentimentos, as emoções e o pensamento se produzem a partir do corpo e se expressam nele, marcando-o, e constituindo o que é cada pessoa. A integração entre as dimensões necessita ser explicada no estudo do corpo humano, para que não se reproduza a sua concepção de conjunto fragmentado. Com o mesmo cuidado devem, necessariamente, ser abordados as transformações do corpo que ocorrem na puberdade [...] (BRASIL, 2007, p. 318).

Portanto, os estudos sobre o corpo requerem estudos, também, por parte do professor. Além de deixar os estudantes se organizarem e estarem abertos a entender o que o colega pensa ou como existem pontos de vista e opiniões sobre o corpo, que são diferentes, porém com os mesmos objetivos: saúde e cuidado.

Na disciplina de Língua Portuguesa, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual, o estudo sobre o tema pode ser aplicado através dos textos e por eles será possível comparar os gêneros, como os personagens são e como eles são descritos, além de perceber quando o plural exclui os gêneros. Além disso, os textos que serão abordados podem ter conteúdos sobre a anatomia ou histórias que envolvem relacionamentos com outras pessoas e relacionamento com o próprio corpo. Em Língua Estrangeira também irá funcionar como um comparativo de como a língua determina os gêneros. Além disso, ela pode funcionar parecida com a Língua Portuguesa, com o trabalho sobre textos e histórias sobre relacionamentos com o próprio corpo ou descrições de personagens.

Segundo os Parâmetros Curriculares, em Geografia, durante o ensino de movimentos migratórios, é possível destacar sobre as consequências para ambos os gêneros sobre o deslocamentos e adaptações necessárias, perante a uma nova sociedade e também um novo território para cuidar da própria pessoa e também das pessoas à sua volta.

Através do ensino de Artes, é possível falar sobre a discriminação do ambiente artístico, como dança. Além disso, antes as mulheres eram comparadas a prostitutas quando queriam seguir essa carreira. Assim, é possível desmistificar esse preconceito e incentivar a arte dentro da sala de aula, através de teatros, dança e expressões artísticas em que os estudantes se identificam. A sala de aula é um espaço aberto para eles aprenderem e descobrirem sobre o próprio ser.

No ensino de História, é possível abordar juntamente com o ensino de Matemática e Geografia, sobre os comparativos e estatísticas que envolvem os gêneros. Ainda, no ensino de

História, podem ser abordadas as lutas das mulheres pelo voto e outros direitos, as diferenças entre os gêneros e como é a participação deles nos ambientes que os estudantes frequentam, e como isso, pode movimentar socialmente e economicamente esses fatos.

Na Educação Física, que também retoma assuntos sobre o corpo, os esportes podem ser com ambos os gêneros, dessa forma, os estudantes podem praticar os esportes que quiserem, não separando jogos para meninas ou meninos.

Para o trabalho de Educação Sexual, também são desenvolvidas habilidades e conversas através do material didático e como ele é aplicado. O material pode ser levado pelo professor ou pelos estudantes, juntamente com o educador podem construir esse trabalho. Além da sala de aula, é preciso conversar com os pais e responsáveis sobre o tema, a fim de que escola e família estejam em conjunto, abordando os mesmos temas e não desencontrando em relações às informações que são passadas.

O tratamento dado a cada tema em sexualidade deve convergir para o favorecimento da construção, por parte do aluno, de um ponto de autorreferência, a partir do qual poderá desenvolver atitudes coerentes com os valores que eleger para si. Há que se considerar, também, a impossibilidade, mesmo para adultos, das verdades absolutas e imutáveis, pois, enquanto componente da subjetividade, a sexualidade se constrói e se modifica ao longo de toda a vida e, portanto, os valores a ela associados podem ser transitórios. (BRASIL, 2007, p. 335).

Portanto, o ensino de Educação Sexual envolve todo o respeito e autoconhecimento. A partir dos conceitos e dos conhecimentos adquiridos durante às aulas, os alunos começam a pensar sobre respeito, direitos e saúde. Assim, a harmonia entre os colegas será crescente, além da aceitação do corpo, deixando os estereótipos para as redes sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de assuntos da Educação Sexual se faz necessária por estar respaldada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, já que a orientação sexual é um tema transversal. Nele aparece o respeito, saúde e autoconhecimento de forma natural na sala de aula. Assuntos como esses são benéficos para que o aluno entenda as diferenças entre as famílias, corpos e pontos de vistas a serem abordados.

As famílias podem impedir o assunto em sala de aula por falta de conhecimento e por acreditarem nas informações equivocadas que são transmitidas pelas redes sociais de forma fácil e rápida. Por isso, a família também precisa estar ciente e dar apoio ao professor e aluno durante o ensino.

Os temas sobre a Educação Sexual são transversais e estão presentes nas disciplinas do Ensino Fundamental I, como Ciências Biológicas, Língua Portuguesa, História, Geografia e Matemática, com possibilidades de atividades diversificadas com participação dos alunos.

Portanto, a Educação Sexual se faz necessária por desenvolver no aluno o autoconhecimento e respeito ao corpo do outro, sabendo os próprios limites e também os limites das pessoas que estão no convívio social. A saúde e o conhecimento são primordiais durante as abordagens, além do espaço em que o professor abre para que os alunos discutam entre si sobre pontos de vista e forma diferentes de família e pessoas. Com o avanço da tecnologia, é fácil conseguir informações a todo momento, tornando-se ainda mais necessária a abordagem do assunto, para desmentir fatos que são facilmente espalhados. A falta de conhecimento gera informações equivocadas e perigosas. O preconceito é uma falha do conhecimento, que poderia ser feito pela escola e pelo professor. Quebrar preconceitos torna-se papel do professor.

SEXUAL EDUCATION FROM THE CURRICULUM PARAMETERS: culture and body

ABSTRACT

Access to information becomes easier over the years. However, it is still common for some parents to block their children's access to facts that are not part of their children's routine, causing prejudice and the imposition of only one point of view in a different society. Despite the differences present in all coexistence environments, respect and understanding of the other is needed, with harmony between the parties. Thus, through dialogue in the classroom and studies emphasizing self-knowledge, Sexual Education seeks respect and health for students in Elementary School I. A bibliographical research was carried out which resulted in the development of the student through Sexual Education, in addition to the possibilities of activities and student participation. The

student's family background and culture influence learning and teaching, but the classes are about dialogue and views to be shared with other colleagues and teachers.

Keyword: Sexual Education. Body. Curriculum Parameters.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e Diversidade na Escola: reconhecer diferenças e superar diferenças.** Brasília-DF: Ministério da Educação, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual.** Brasília-DF: Ministério da Educação, [2001?]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

FULANETTO, Milene et al. **Educação Sexual em Escolas Brasileiras: revisão sistemática da literatura.** São Leopoldo - RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). 2018. p. 550-570

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2017. p. 45. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Educa%C3%A7%C3%A3o_sexual_na_sala_de_aula/mzdIDgAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218. dez. 2007

MIZUNUMA, Samanta. **Caderno de orientações para o desenvolvimento da educação sexual com abordagens científicas e o auxílio da literatura infantojuvenil.** Ponta Grossa /PR: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2017. p. 14-20.

SAFFIOTI, Heleieth I.B., Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente)

TAVARES, Camila Aparecida; RICHARTZ. Terezinha. O tratamento dado pelas escolas aos alunos oriundos de famílias homoafetivas. In: PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo (Org.). **Investigação científica nas ciências humanas 3.** Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.p. 117-126. DOI 10.22533/at.ed.18519171011. Disponível em: < <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/10/E-book-Investigacao-Cientifica-nas-Ciencias-Humanas-3-1.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2020.